

A importância em considerar a cultura surda na avaliação psicológica: uma revisão narrativa

ADRIA LETÍCIA DE SOUZA FURTADO¹

<http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v15i46.3789>

Resumo

No Brasil, não é comum considerar a cultura surda no processo de psicometria na avaliação psicológica. Assim, questiona-se sobre quais as dificuldades de um psicólogo ao avaliar uma pessoa surda, se existem instrumentos avaliativos inclusivos ou como é feita a avaliação frente a essas dificuldades, levando em consideração que um atendimento humanizado está diretamente relacionado à uma boa comunicação entre profissionais e pacientes. O presente trabalho tem como objetivo elucidar sobre as dificuldades encontradas para a realização de uma avaliação psicológica com uma pessoa surda. O estudo utilizou-se do método de revisão narrativa para analisar e discutir uma série de dificuldades diretamente relacionadas à falta de inclusão da cultura surda na construção dos processos avaliativos. Concluiu-se que as pesquisas de validação de instrumentos avaliativos são escassas, bem como as encontradas não podem ser utilizadas como indícios de validação, sendo necessário maior preocupação de psicólogos para com a inclusão de surdos tanto no contexto da Avaliação Psicológica, como no contexto de acesso à atendimento psicoterapêutico.

Palavras-chave: surdez; inclusão de surdos; avaliação psicológica.

Submetido em: 31/12/2021

Aprovado em: 20/03/2023

¹ Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém (PA), Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-8720-7861>; e-mail: adrialeticiasf@gmail.com.

The importance of considering deaf culture in psychological assessment: a narrative review

Abstract

In Brazil, deaf culture is rarely incorporated into the psychological assessment process. To provide culturally responsive care, there is a need for effective communication between the professional and patient. This in turn brings into question the current level of inclusivity in our evaluative instruments and assessments for the treatment of patients with hearing impairments (HI). A literature review was conducted to describe and analyze the main difficulties for psychologists when assessing patients with HI, as well as the challenges from the lack of inclusion of deaf culture in the assessment process. We found only a small number of literature that seeks to validate assessment instruments. Of those found, none addressed the inclusivity problem when treating patients with HI. The findings demand greater concern from psychologists to include deaf culture within the scope of psychological assessment and in the context of accessing therapeutic care.

Keywords: hearing impairment; deaf culture; psychological assessment.

La importancia de considerar la cultura sorda en la evaluación psicológica: una revisión narrativa

Resumen

En Brasil, no es común considerar la cultura sorda en el proceso psicométrico dentro de la evaluación psicológica. Por ende, se cuestiona sobre las dificultades de un psicólogo a la hora de evaluar a una persona sorda, si existen instrumentos de evaluación inclusivos o cómo se realiza la evaluación ante estas dificultades, teniendo en cuenta que un servicio humanizado está directamente relacionado con una buena comunicación, entre profesionales y pacientes. El presente trabajo tiene como objetivo describir y analizar las principales dificultades de los psicólogos a la hora de evaluar a las personas sordas. El estudio utilizó el método de revisión narrativa para analizar y discutir una serie de dificultades directamente relacionadas con la falta de inclusión de la cultura sorda en la construcción de los procesos de evaluación. Se concluye que las investigaciones sobre validación de instrumentos evaluativos son escasas, así como los encontrados no pueden ser utilizados como evidencia de validación, requiriendo mayor preocupación de los psicólogos por la inclusión de las personas sordas tanto en el contexto de Evaluación Psicológica como en el contexto de acceso a servicio psicoterapéutico.

Palabras clave: sordera; inclusión de sordos; evaluación psicológica.

Introdução

De acordo com o IBGE (2010), em levantamento demográfico realizado no ano de 2010, a população brasileira era de aproximadamente 190,7 milhões de pessoas. Destas, 9,7 milhões (5,09%) possuíam algum tipo de deficiência auditiva, sendo 7,5 milhões (3,93%) alguma ou certa dificuldade auditiva, 1,7 milhões (0,8%) grande dificuldade para ouvir e cerca de 344 mil surdos.

Ainda segundo o IBGE (2021)¹¹, a população brasileira chegou aos 213,3 milhões de pessoas, crescendo 12% em relação a 2010. Ainda não há dados do IBGE que mostrem a estimativa da população surda em 2023. Contudo, se levarmos em conta que no ano de 2000 a quantidade de pessoas surdas era 5,7 milhões e no ano de 2010 era de 9,7 milhões, é possível observar um aumento de 70%. Assim, aplicando essa mesma porcentagem no intervalo de uma década, é possível supor que a quantidade de pessoas com deficiência auditiva no Brasil possa ser acima de 16 milhões.

Tendo em vista que a população surda é tão ampla, faz-se importante notar quão recentes são os estudos sobre a sua cultura no Brasil.

Durante a década de 1960, autores de língua inglesa já realizavam estudos sobre a população surda, sua linguagem e forma de comunicação. No entanto no Brasil, tais estudos somente ganharam força após a década de 1980 quando a linguista Lucinda Ferreira Brito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) iniciou estudos relacionados a língua dos surtos e sua cultura dentro do campo da linguística (LOPES; THOMA, 2018).

Na década de 1990, mestrandos e doutorandos surdos e ouvintes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) fundaram o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES/UFRGS) e produziram estudos acerca da educação de surdos com objetivo de desconstruir a ideia de ineptidão dos surdos (THOMA; KLEIN, 2010).

Desde então, ampliou-se a ideia da cultura surda no Brasil e ainda que tardiamente, em 24 de abril de 2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi considerada como a segunda língua oficial do país, pela Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002).

Um pouco mais de duas décadas depois da oficialização, faz-se necessário revisar as contribuições da psicologia para os estudos da cultura surda.

¹¹ Atualização diária. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: maio 2021.

Por muito tempo, o surdo foi considerado um ser faltante, que precisava ser adequado às normas sociais, sendo observado através do olhar clínico, que buscava “reabilitá-lo”, não reconhecendo sua cultura e sua própria forma de se relacionar com o mundo. Tais padrões foram mantidos por diversos anos tanto pela medicina quanto pela psicologia (BISOL; SIMIONI; SPERB, 2008).

Compreender a surdez pelo viés do ouvinte é possuir uma construção desse processo a partir de uma vivência da linguagem oralizada, de uma cultura permeada pela forma como o indivíduo irá se perceber e criar a sua identidade enquanto sujeito ouvinte (SANTANA; BERGAMO, 2005). Considerar as questões levantadas acima da comunidade e da cultura surda envolvendo educação, saúde, relações sociais e acesso a serviços em uma sociedade cuja maioria é ouvinte, possibilita a visualização de algumas barreiras também relacionadas à psicologia. Contudo, antes de especificá-las, é preciso também compreender a psicologia e seus processos.

A partir do exposto, o presente artigo traz como debate a falta de inclusão da comunidade surda dentro do contexto da avaliação psicológica, expondo a falta de acesso de pessoas surdas a avaliações que contemplem suas singularidades culturais, bem como as dificuldades encontradas por psicólogos, muitos dos quais não possuem conhecimento em Libras, no contato com surdos.

Neste sentido, propõe-se, questionar-se sobre quais as dificuldades de um psicólogo ao avaliar uma pessoa surda, se existem instrumentos avaliativos inclusivos, se atualmente a cultura surda é um fator incluído na psicometria e como é feita a avaliação, frente a essas dificuldades e por fim refletir sobre a necessidade da realização de mais estudos para a normatização dos instrumentos de avaliação para que estejam devidamente validados para aplicação em pessoas surdas.

Dessa forma foi utilizada a metodologia de revisão narrativa de literatura, de caráter descritivo, a fim de realizar uma análise criteriosa para compreender os questionamentos supracitados. Essa forma de estudo permitiu a autora analisar a pesquisa de forma mais ampla e crítica, desenvolvendo o tema de forma teórica ou contextual, sem a necessidade de “estratégias de busca sofisticadas e exaustivas” e sendo a “seleção dos estudos e a interpretação [...] sujeitas à subjetividade dos autores” (BIBLIOTECA PROFESSOR PAULO DE CARVALHO MATTOS, 2015, p. 2).

A partir disso, realizou-se um levantamento bibliográfico em bases de dados acadêmicos online Pepsic, MedLine, Lilacs e SciELO, além de livros dentro da

temática. Para melhor direcionamento, foram utilizados os descritores “inclusão de surdos”; “psicometria”; “avaliação psicológica”; e “surdez”.

Isto posto, seguiu-se os seguintes passos: pesquisa e leitura exploratória, leitura seletiva, análise dos materiais selecionados e, por último, as considerações finais levando em consideração todas as informações recolhidas.

Objetivos

Objetivo Geral

Elucidar sobre as dificuldades encontradas para a realização de uma avaliação psicológica com uma pessoa surda.

Objetivos Específicos

- Analisar quais as dificuldades de um psicólogo ao avaliar uma pessoa surda.
- Investigar se existem instrumentos avaliativos inclusivos.
- Discorrer sobre a importância em se considerar a cultura surda para padronização de testes psicológicos.

A cultura surda

Para debater a falta de inclusão da comunidade surda no processo de Avaliação Psicológica, é necessário primeiramente que se entenda como a comunidade surda e a cultura são estabelecidas.

A limitação auditiva é uma das alterações mais frequentes no período neonatal quando comparada às patologias e condições avaliadas no Teste do Pezinho^{III}. Por não ser uma condição associada a fatores como dor ou desconforto físico – que costumam acelerar a procura por serviços de saúde – a surdez comumente possui diagnóstico tardio, sendo uma das alterações mais ignoradas pela sociedade. Contudo, sabe-se que ela tem uma significativa interferência no desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, visto que há todo um desenvolvimento cultural de uma comunidade pouco compreendida pela maioria das pessoas ouvintes (CÚNICO; OLIVEIRA; KRUEL; TOCHETTO, 2013).

A partir disso, entende-se a surdez como perda menor ou maior da capacidade de percepção sonora, podendo ser dividido em leve, médio, severo ou profundo de acordo com os decibéis percebidos (YONEMOTU; VIEIRA, 2020).

^{III} Teste realizado a partir do sangue coletado no “pezinho” do bebê e que permite identificar doenças graves como: o hipotireoidismo congênito, a fenilcetonúria e as hemoglobinopatias. (BRASIL, 2009).

Segundo Santana e Bergamo (2005), entre os ouvintes, muitas vezes o surdo é considerado um sujeito que possui uma falta, uma limitação, tendo a falta da linguagem oral como um de seus fatores para essas diferenças:

A principal barreira que o indivíduo surdo encontrará desde que nasce é a da comunicação, isto é, a da aquisição da linguagem [...] ao adquirir uma língua, poderá haver o pertencimento a uma comunidade, a constituição de identidades e aquisição de uma cultura, que possa valorizar a sua diferença e não sua deficiência (ZUCOLOTTO; RUIZ; PINHEIRO, 2019, p. 135).

Independentemente do grau de perda auditiva, a comunidade surda se comunica utilizando a linguagem de sinais e possuem uma cultura própria, onde experimentam o mundo de uma forma particular e, a partir da percepção da Libras enquanto a língua dos surdos, é permitido a estes se constituírem enquanto sujeitos que possuem linguagem própria, portanto possuem comunicação, pensamento e aprendizagem diferentes de ouvintes. Essa diferenciação na linguagem também permite uma mudança social de nomenclaturas, onde passam a se denominar enquanto "surdos" e distanciam-se do termo "deficientes auditivos", não sendo indivíduos faltantes de algo, mas sim usuários de uma linguagem diferente (SANTANA; BERGAMO, 2005; YONEMOTU; VIEIRA, 2020; ZUCOLOTTO; RUIZ; PINHEIRO, 2019).

Por meio do contato com outros surdos e utilizando-se a Libras, é possível uma compreensão, aprendizagem e diálogo. Portanto compreende-se que uma das funções da língua é a construção de uma identidade surda, essa que se liga diretamente com a forma com que as relações e interações sociais são mantidas.

É importante pontuar que a identidade surda também pode ser construída a partir da oralização, pois ela terá a função de interação social, possibilitando o convívio social, ou seja será "principalmente no uso da linguagem – e não qualquer materialidade linguística específica – que as pessoas constroem e projetam suas identidades" (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 568).

Em relação à cultura, pode-se entender que o surdo se torna involuntariamente bilíngue e bicultural, pois este além de aprender sobre a história do surdo e aprender a Libras, também convive em uma sociedade feita por e para ouvintes, onde é necessária uma adaptação para a compreensão das diferenças entre culturas (SANTANA; BERGAMO, 2005).

É interessante ressaltar que falar sobre a biculturalidade do surdo é construir a concepção de uma cultura ouvinte, porém o surdo não irá vivenciar esta cultura

enquanto ouvinte e sim perceber as diferenças e noções de como o corpo surdo é percebido pela sociedade ouvinte em suas desigualdades (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Desse modo, a cultura surda pode ser definida como:

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que [a cultura] abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008 apud ZUCOLOTTO; RUIZ; PINHEIRO, 2019, p. 140).

Após o conhecimento destas diferenças culturais entre surdos e ouvintes, é importante reconhecer que as maiores dificuldades vivenciadas pelos surdos acontecem a partir da normalização e não aceitação de sua diferença pela comunidade ouvinte. Esta começa a enxergar o surdo pelo viés da incapacidade enquanto sujeito uma vez que não demonstram os resultados esperados pelos ouvintes quando estes buscam adequar os surdos aos seus moldes, cultura e linguagem (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Tal visão do surdo enquanto “pessoa deficiente” e a necessidade do “tratamento” de sua surdez, faz parte do modelo clínico-terapêutico (SKLIAR, 1997 apud BISOL; SIMIONI; SPERB, 2008). Porém, outro viés é o modelo socioantropológico que engloba a surdez atendendo a diferença cultural e linguística. A partir desse modelo é inserido o bilinguismo, tornando possível perceber o surdo em sua própria forma de se comunicar e abrangendo a sua cultura própria como forma de comunicação (SKLIAR *et al.*, 1995 apud BISOL; SIMIONI; SPERB, 2008).

Este modelo reconhece o surdo de acordo com a sua subjetividade enquanto sujeito, reconhecendo que ele não necessariamente tem comprometimento de fator psicológico apenas por conta da diferença biológica auditiva, sendo um sujeito com processos de desenvolvimento iguais aos de ouvintes. Segundo Skliar *et al.* (1995 apud BISOL; SIMIONI; SPERB, 2008, p. 396),

o modelo socioantropológico está apoiado em duas observações: o fato de que os surdos formam comunidades onde o fator aglutinante é a língua de sinais, e a comprovação de que os filhos surdos de pais surdos apresentam melhores níveis acadêmicos, melhor habilidade para a aprendizagem, e não apresentam os problemas socioafetivos comuns a filhos surdos de pais ouvintes. Nesta perspectiva, questiona-se o discurso da normalidade e procura-se inverter a lógica da adaptação, denunciando o modo como a sociedade “cria”

deficiências ao não reconhecer as diferenças ou a restringir o acesso de todos à educação e à saúde.

O processo de comunicação é uma troca de informações, sentimentos e necessidades, possibilitando percepção da realidade do próximo envolvendo suas crenças, valores e subjetividade. Logo, as dificuldades com a comunicação se tornam uma barreira significativa no acesso à saúde e, consequentemente, um atendimento psicológico eficaz (YONEMOTU; VIEIRA, 2020).

A psicologia e seus processos

Apesar da dificuldade em definir o que é psicologia, podemos observar que o consenso entre autores é a compreensão da mesma como a ciência cujo objetivo é estudar e compreender as subjetividades humanas por meio de comportamentos, processos mentais, e sua relação com o meio sociocultural em que vive, a fim de desenvolver o bem-estar do ser individual e social (GLEITMAN; REISBERG; GROSS, 2009).

Com isso, a psicologia se torna plural em sua atuação, podendo estar presente em ambientes diferentes - como escolas, centros de saúde, clínicas, empresas etc. - com abordagens diferentes referentes ao ser humano, de acordo com a demanda do local em que está inserida. Porém, apesar das ambientações diferentes, e mesmo se considerarmos as particularidades de cada local, o objetivo do trabalho da psicologia converge a um ponto em comum: promover a saúde mental.

Para isso, a psicologia se utiliza de técnicas para fundamentar e basear seu trabalho. Para compreender o problema aqui já exposto, é necessário citar a Escuta Psicológica e a Avaliação Psicológica, bem como as suas significâncias para a psicologia.

No que se refere à Escuta, pode-se compreendê-la como uma técnica clínica na qual o profissional volta a sua atenção para a singularidade do sujeito, tornando possível, em prática, acessá-lo enquanto ser singular (BRAGA; DALTRO; DANON, 2012) e compreender as demandas de acordo como o indivíduo se sente e se compreende.

Entende-se “Avaliação Psicológica” como um processo técnico e científico, no qual se utiliza de entrevista inicial, observações, seleção de instrumentos e/ou técnicas a serem utilizados, e análise documental; objetivando coletar informações e desenvolver hipóteses diagnósticas que possam levar a compreender

características psicológicas de uma pessoa e/ou grupo, de acordo com o objetivo da avaliação (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022).

Um dos instrumentos comumente utilizados na Avaliação Psicológica são os testes psicológicos, que, segundo Urbina (2014 apud HUTZ, 2015, p. 12), trata-se de um "[...] procedimento sistemático para coletar amostras de comportamento relevantes para o funcionamento cognitivo, afetivo ou interpessoal e para pontuar e avaliar essas amostras de acordo com normas".

Para poderem ser utilizados de forma correta, os testes precisam estar padronizados para o grupo ao qual o instrumento se destina, seja essa norma por faixa etária, gênero, nível de escolaridade, etc. Hutz, Bandeira e Trentini (2015) citam como importante fator a ser considerado no processo de normatização é a cultura, utilizando como exemplo uma comparação entre a Bateria Fatorial de Personalidade (NUNES; HUTZ; NUNES, 2010) com outros instrumentos que avaliam a personalidade através da Teoria dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five*), discorrendo que:

Apesar de todo o conteúdo referente à expressão da personalidade ser abordado pelos dois instrumentos, cada um o faz de acordo com as especificidades da cultura para a qual foram construídos. Assim, a construção de um teste deve resultar em um instrumento que considere as peculiaridades e as especificidades da população para a qual está sendo construído. O instrumento deverá apresentar linguagem inteligível à população, considerando, por exemplo, a faixa etária e o nível cultural. (HUTZ; BANDEIRA; TRENTINI, 2015, p. 56).

Portanto, independente da área da saúde, um atendimento humanizado está diretamente relacionado à comunicação entre os pacientes e os profissionais, respeitando sua cultura, particularidades e identidade.

Com isso, é possível falar sobre a comunicação, e que esta já estaria afetada neste momento, pois o psicólogo não compreenderia tudo aquilo que o sujeito surdo estaria comunicando. Tal perda pode ocorrer mesmo com a presença de intérpretes, visto que apenas o próprio sujeito consegue expressar de fato o que sente, e enquanto o profissional voltaria sua atenção para o canal de comunicação que mais compreende: a escuta, perderia o detalhe da observação da comunicação corporal do cliente surdo. A partir disso, é possível projetar as inúmeras dificuldades da população surda em encontrar psicólogos qualificados.

Revisão de literatura e análise de dados coletados

O surdo encontra dificuldade de acesso a qualquer serviço de saúde, cujo atendimento prestado se mostra sempre precário por conta da falta de profissionais

qualificados em Libras (SOUZA; PORROZZI, 2009). Com a somatória de todas essas dificuldades, os surdos são sujeitos passivos no processo de cuidado da própria saúde, tendo pouca autonomia, pois normalmente é necessário um intérprete, não possibilitando haver privacidade (YONEMOTU; VIEIRA, 2020). Sendo este último, fator considerado de extrema importância para a psicologia, cuja ética profissional exige a manutenção do sigilo.

Como forma de obter uma compreensão mais ampla, fez-se necessário também buscar, na perspectiva de uma pessoa surda, um profissional que pudesse atendê-la de forma plena. Portanto, a autora utilizou-se de uma ferramenta de busca *online* – como qualquer pessoa surda poderia fazê-lo – e encontrou apenas uma pequena quantidade de psicólogos que oferecem esse serviço.

A tentativa de pesquisa foi feita utilizando as palavras “psicólogo Libras”, “atendimento psicológico em Libras” e “psicólogo fluente em Libras”. Dentre os resultados mais relevantes, houve seis *sites* com informações sobre psicólogos que fazem atendimento em Libras no Brasil, que foram organizados na tabela abaixo (Tabela 1):

Tabela 1 - Resultados da busca da autora

Sites	Resultados (por nomes listados)
Conselho Regional de Psicologia do Paraná ^{IV}	83 (50 do Paraná, 25 de outras regiões e 8 <i>online</i>)
Psisurdos ^V	40 (sendo 1 contato deixado pela profissional nos comentários)
Psicologia Viva ^{VI}	7
Página do Facebook de Rebeca Maniezzo ^{VII}	33 (realizam atendimento <i>online</i>)
Doctoralia ^{VIII}	157
Vittude ^{IX}	1
Total:	321

Fonte: A autora (2023).

^{IV} Disponível em: < <https://crppr.org.br/lista-de-psicologasos-que-atendem-em-libras> >. Acesso em: 12 Mar. 2023.

^V Disponível em: < <http://psisurdos.blogspot.com/p/psicologos-que-atendem-surdos.html> >. Acesso em: 12 Mar. 2023.

^{VI} Disponível em: <<https://www.psicologiaviva.com.br/psicologo/>>. Acesso em: 12 Mar. 2023.

^{VII} Disponível em: <<https://www.facebook.com/rebecamaniezzopsicologasurda/>>. Acesso em: 12 Mar. 2023.

^{VIII} Disponível em: <<https://www.doctoralia.com.br/servicos-de-tratamento/atendimento-em-Libras-para-surdos>>. Acesso em: 12 Mar. 2023.

^{IX} Disponível em: <<https://www.vittude.com/>>. Acesso em: 12 Mar. 2023.

Pode-se perceber que o número é consideravelmente pequeno se comparado à população surda no Brasil e também com a quantidade de psicólogos no país, que de acordo com o Conselho Federal de Psicologia, em 06 de março de 2023, chegam ao número de 435.760 profissionais^x.

Dentro destes resultados, é importante ressaltar que uma quantidade mínima de profissionais tem os seus nomes repetidos em mais de um *site*. E se tratando do *site* "Doctoralia", ao avaliar os filtros para atendimento em Libras, foi possível perceber algumas inconstâncias como: o trabalho com mais de uma abordagem da psicologia e opções marcadas pelo profissional de forma mais generalista. Isso poderia tornar os filtros – ao menos para uma pessoa leiga – desconfiáveis e, conseqüentemente, requererão esforço extra da pessoa surda ao avaliar se o profissional está apto para realizar o atendimento em Libras.

Outra dificuldade está relacionada à prática avaliativa de um psicólogo e a utilização de instrumentos avaliativos, os quais normalmente não possuem adaptação à comunidade surda. Além disso, ao decorrer das pesquisas para o presente artigo, não foram encontradas informações sobre a inclusão de pessoas surdas nos estudos de normatização de testes.

A respeito da normatização é possível encontrar alguns artigos que estudaram a aplicabilidade de alguns testes em pessoas surdas. Conforme explanado anteriormente, seguindo a metodologia escolhida, após leitura seletiva, foram separados dez materiais para serem analisados e discutidos pela autora. Estes artigos foram divididos em dois grupos: Aplicação e Adaptação.

Dos que tratam sobre a Aplicação de testes em pessoas surdas foram encontrados cinco materiais:

- Testes de Personalidade
 - I. Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (CARDOSO; CAPITÃO, 2007);
 - II. Z-Teste - Técnica de Zulliger (ANGELINI; OLIVEIRA, 2003);
 - III. *House-Tree-Person* - HTP (SANCHES PERES, 2003);
- Testes de Raciocínio
 - IV. Bateria de Provas de Raciocínio - BPR-5 (MONTEIRO; ANDRADE, 2005);

^x Atualização semanal. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em 12 Mar. 2023.

- Percepção Emocional

- V. Percepção de Emoções Primárias – PEP (MIGUEL; ZUANAZZI; LIMA; EURICH; TAVARES, 2016).

No grupo que trata sobre Adaptação, foram encontrados três estudos:

- VI. Escala de *Coping* de Billings e Moos - ECBM (SILVA; FREIRE; VERA NORIEGA, 2018);
 - VII. Escala de Ansiedade de Beck (SANCHEZ, 2013);
 - VIII. Uma proposta de uma forma reduzida WISC-IV (MEYER; FIGUEIREDO, 2017).

Há dois artigos não listados acima, um sobre a validação brasileira do Teste Não-Verbal de Inteligência SON-R 21/2-7[a], que informa que “não foram incluídas na amostra crianças com deficiência auditiva ou motora” (LAROS; RIBEIRO; KARINO, 2013). O último, por sua vez, foi um estudo não publicado pela autora, estando disponível apenas o resumo no site da Universidade Mackenzie, no qual encontra-se a conclusão de que os dados mostram a viabilidade do TONI-3 para avaliação de inteligência de crianças surdas (BARBOSA, 2008).

Partindo da dificuldade de comunicação entre os profissionais e os surdos, além das diferenças culturais e sociais, é suposto que os resultados da aplicação de qualquer teste avaliativo tenham resultados alterados ou diferentes do que seriam para uma pessoa ouvinte. Assim, alguns artigos citados a seguir corroboram com essa ideia.

Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister

Cardoso e Capitão (2007) realizaram estudo com 80 crianças com surdez bilateral (29 bilíngues, 20 de comunicação total e 31 oralizadas; 50,6% homens e 49,4% mulheres) entre 6 e 12 anos. Os surdos foram pareados com 37 ouvintes (48,6% homens e 51,4% mulheres, entre 7 e 12 anos). Foi realizada a aplicação do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, cujas instruções foram dadas em Libras para as crianças bilíngues, faladas e em sinais para as de comunicação total e faladas para as crianças oralizadas e ouvintes.

Segundo os autores, foi observado mais traços de ansiedade em surdos quando comparados aos ouvintes; bem como foi notado que, apesar de os surdos

terem boa estruturação cognitiva, os ouvintes apresentaram estrutura mais sofisticada, fator este que também foi percebido entre os surdos, em que quanto maior o contato com a língua oral o sujeito havia tido, maior a sofisticação de sua estruturação cognitiva.

Tais dados levam a questionamentos referentes a padronização nos estudos de validade de teste, como bem explanam os autores, que reforçam a necessidade do cuidado ao abordar tais dados, questionando suas origens biológicas, sociais e de comunicação. Também é alertado no artigo que não foi feita análise de fórmula cromática, bem como não foi feita análise entre juízes, o que permitiria fidedignidade ao estudo.

Considerando os dados, é possível notar que o instrumento, quando aplicado em pessoas surdas, tende a apresentar resultados inexatos decorrentes da falta de estudos de validade para com esta população.

Z-Teste – Técnica de Zulliger

Em estudo realizado com 10 pessoas surdas (cinco mulheres e cinco homens), com faixa etária entre 21 e 33 anos, Angelini e Oliveira (2003) utilizaram o instrumento Z-Teste – Técnica de Zulliger para verificação de possibilidade de aplicação em pessoas surdas. O estudo concluiu que a aplicação é possível se realizada por profissionais fluentes em Libras e com conhecimento para tradução da mesma para a Língua Portuguesa.

Os resultados encontrados indicaram mais índices fora do que dentro da média estabelecida pelo instrumento. Em suma, segundo as autoras, as características apresentadas foram adequadas em percepção de conjunto, senso de organização e inteligência voltada para o abstrato e também foi verificado raciocínio lógico preciso e coerente.

Entretanto, houve preocupação com rigorosidade, e exigência no modo de perceber o mundo, o qual cogita-se ser resultante de a surdez não ser visível fisicamente, e o pouco desenvolvimento da sociedade em oferecer melhores condições para os surdos. Além disso, foi verificado prejuízo no controle geral de dinamismos psíquicos, como “instintos, reações afetivo-emocionais e impulsivas, e prejuízo da capacidade para perceber as coisas com objetividade” (ANGELINI; OLIVEIRA, 2003, p. 90), cujo as autoras relacionam com os problemas sociais, emocionais e cognitivos causados por um atraso no desenvolvimento da linguagem.

Tal atraso na maioria das vezes é gerado por um contexto social surdo-ouvinte, onde não há adaptações e inclusão na maior parte da sociedade (ZUCOLOTTI; RUIZ; PINHEIRO, 2019).

As autoras reforçam que os resultados foram baseados na validação de um instrumento feito com pessoas ouvintes, o que não considerou as características culturais da comunidade surda e que:

É de extrema importância que novas pesquisas sejam realizadas, envolvendo um número maior de pessoas, buscando a adaptação, validação e padronização de testes verbais em pessoas surdas a fim de possibilitar uma avaliação adequada e fidedigna desse grupo de pessoas (ANGELINI; OLIVEIRA, 2003, p. 92).

O estudo também relatou que o tempo de duração da resposta foi geralmente maior que o da média esperada pela padronização do instrumento, tendo como motivo – segundo as autoras – a forma de comunicação, pois na língua de sinais o tempo de sinalização difere do tempo de oralização de uma língua oral. Assim, observa-se a necessidade de um teste mais bem padronizado e adaptado a essa comunidade, considerando que o instrumento em questão tem como o tempo de resposta um fator determinante para o resultado, e este tempo foi pensado para uma comunicação oralizada e não sinalizada.

Além disso, os resultados de Angelini e Oliveira (2003) indicaram carências afetivas e dificuldade em estabelecer relações de empatia; bem como ansiedade em situação de pressão externa, que para superá-la, utilizam-se de autocrítica. Assim, o estudo concluiu que é possível verificar características depressivas, mesmo que isto não indique um Transtorno Depressivo.

House-Tree-Person (HTP)

Sanches Peres (2003) realizou aplicação do teste *House-Tree-Person* (HTP) em estudo que teve a participação de 11 crianças (seis do sexo feminino e cinco do sexo masculino), entre 6 e 12 anos, que frequentavam salas de educação infantil voltadas para pessoas surdas. De acordo com o autor, as instruções foram transmitidas com o auxílio das professoras, por meio de Libras e por este motivo também não foi utilizado o questionário padronizado do instrumento.

Decorrente dos resultados encontrados, o autor levanta hipóteses de que as crianças participantes sejam excessivamente dependentes e necessitam de

reconhecimento e atenção, possuindo além destas características, imagem corporal desfavorável, sentimentos de inadequação e autodesvalorização, e dificuldades em relacionamentos sociais.

Entretanto, é de extrema importância esclarecer que o próprio autor reconhece que as análises apresentadas no estudo não são definitivas, nem conclusivas, pois não existe normatização do HTP com crianças brasileiras (o teste hoje tem o público-alvo a partir de 8 anos de idade) – o que o levou a basear suas interpretações em séries de obras de outros autores, bem como duas obras superficiais sobre desenhos de crianças surdas, o autor reforçou que não existe pesquisa voltada para esta população no que se refere ao HTP.

Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5)

Se tratando de avaliação de raciocínio, Monteiro e Andrade (2005) realizaram estudo com quatro estudantes (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino), de idade não revelada, que frequentavam a sexta série (atual sétimo ano do ensino fundamental) de uma escola para alunos surdos e utilizavam-se de Libras como forma de comunicação. O instrumento utilizado foi a Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5), cujas provas de Raciocínios Verbal e Mecânico foram excluídas, sendo aplicadas somente as de Raciocínios Espacial, Numérico e Abstrato.

Foi observado que os sujeitos tiveram maior desenvolvimento em Raciocínio Espacial, o que segundo as autoras, pode indicar que os surdos têm maior capacidade de visualização; o que se pode levantar a hipótese de que seja decorrente da utilização da Libras, uma língua visual-espacial.

Quanto ao Raciocínio Numérico, notou-se que todos os quatro participantes estavam abaixo da média. Para os resultados de Raciocínio Abstrato, os percentis tiveram notável variação entre os estudantes, indicando no geral, capacidade mediana.

Novamente, as autoras registram que o instrumento não tem validação para a população surda, assim como não encontraram instrumentos específicos para surdos, o que torna a fidedignidade dos escores do teste questionáveis e limitadas.

Ademais, é importante ressaltar que parte do teste foi excluída por falta de adaptabilidade, sendo assim, uma avaliação completa de raciocínio acaba não sendo possível ou mesmo efetiva. Contudo, entende-se que uma bateria de testes permite sua aplicação de forma seletiva dentro de seus tópicos, dependendo do

contexto da avaliação, mas que tal fato deve ocorrer por escolha do aplicador e não por impossibilidade de aplicação da técnica.

Percepção de Emoções Primárias (PEP)

Miguel, Zuanazzi, Lima, Eurich e Tavares (2016) reuniram 103 participantes (13 surdos com surdez total congênita, 25 ouvintes que responderam ao teste coletivamente e 65 ouvintes que responderam individualmente), todos estudantes de escola pública para surdos, com a média de idades de 17 anos. O objetivo foi avaliar a percepção emocional por meio do teste informatizado de Percepção de Emoções Primárias (PEP). Para as instruções do teste, no caso do grupo de surdos, uma professora ouvinte bilíngue auxiliou com a tradução.

É necessário voltar a atenção para este detalhe ressaltado pelo estudo, em que mesmo com a intenção de realizar estudos sobre a população surda, a comunidade de psicologia ainda encontra suas limitações por ter poucos profissionais com o conhecimento em Libras, necessitando ainda de intérpretes.

Ao analisar os resultados, verificou-se que os surdos apresentaram resultados iguais aos dos ouvintes em se tratando de perceber emoções, porém houve alteração ao reconhecer emoções autênticas e falseadas, em que foi observado que os surdos tiveram maior dificuldade em distinguir ambas.

Também foi exposto que de oito emoções (alegria, amor, medo, surpresa, tristeza, nojo, raiva e curiosidade), os surdos atribuíram emoções como alegria, medo, tristeza, raiva e curiosidade (cinco de oito emoções) com mais frequência que os ouvintes.

No geral, em comparação com aplicações coletivas e individuais, o estudo aponta que os surdos apresentaram desempenho semelhante, mas com escore maior em distorções, por isto é destacado o levantamento da hipótese dos autores de que tais distorções são decorrentes das características do grupo.

Outra hipótese levantada pelo estudo é referente à dificuldade dos surdos em distinguir emoções autênticas e falseadas, na qual os autores cogitam ser situação decorrente do uso de Libras, na qual se utiliza de expressões faciais para demonstrar emoções, mesmo que a pessoa não esteja sentindo aquela determinada emoção de fato.

Os autores esclarecem que a pesquisa contou com um número reduzido de pessoas surdas e que não é possível considerar esta pesquisa como evidência de

validade, reforçando a necessidade de serem realizados mais estudos, sugerindo novas pesquisas que incluíssem pessoas com diferentes níveis de surdez, considerando a hipótese de haver diferenças de acordo com tais níveis.

O estudo citado acima aponta uma especificidade da comunicação entre pessoas surdas, relacionada a expressões faciais e como isso interferiu no resultado do teste. Em suma, todos os artigos de aplicabilidade de testes em pessoas surdas mostraram que não estão aptos a avaliação completa, pois não possuem uma estruturação capaz de considerar as especificidades importantes da cultura surda relevantes para realização dos testes.

A despeito da aplicabilidade de testes não padronizados em pessoas surdas, há estudos científicos que tentaram adaptar alguns instrumentos de modo a incluir e tornar possível a avaliação por meio dos instrumentos.

Escala de Coping de Billings e Moos (ECBM)

Assim, Silva, Freire e Vera Noriega (2018) realizaram estudo piloto de adaptação da Escala de Coping de Billings e Moos (ECBM). A pesquisa teve participação de quatro surdos não usuários de implante coclear (dois usuários de Libras com pouco conhecimento de português e dois bilíngues), todos maiores de 18 anos. Para aplicação, foi utilizada uma ECBM em português e outra traduzida para Libras, além de questionário sociodemográfico ocupacional e entrevista semiestruturada.

Os autores narram que durante a aplicação da escala em português, foi perceptível inquietação, irritabilidade e ansiedade por parte dos participantes, que encontravam dificuldade em responder a escala por falta de conhecimento do português. Dois participantes não conseguiram responder nenhuma questão e os participantes bilíngues, apesar de responderem tudo, foi observado posteriormente que algumas respostas se diferenciavam entre os questionários em português e em Libras. De acordo com os autores, quanto ao questionário em Libras, os participantes encontravam-se calmos, sem ansiedade aparente e com velocidade de resposta maior.

É importante destacar que o estudo em questão tem quantidade de participantes reduzida e não apresenta validação para utilização com pessoas surdas.

Ansiedade de Beck

Sanchez (2013) realizou um estudo intitulado “Adaptação da Escala de Ansiedade de Beck para avaliação de surdos e cegos”^{xi}. A pesquisa teve 50 participantes (25 surdos com perda auditiva profunda, usuários de Libras, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 25 anos – grupo experimental – e 25 ouvintes de ambos os sexos, com idades entre 18 e 25 anos – grupo controle). A aplicação foi feita utilizando-se a escala adaptada e alfabeto digital.

Os resultados mostraram que sobre Ansiedade Total, o índice dos surdos foi maior que os de ouvintes; nas subescalas o maior índice foi da escala subjetiva, tanto para surdos quanto para ouvintes; homens ouvintes, seguidos de homens surdos, apresentaram maior índice de ansiedade; quanto maior a idade, menor a ansiedade.

Entretanto, é importante atentar-se ao fato de que nas descrições dos resultados, a autora descreve que tais diferenças não foram estatisticamente significantes, logo o instrumento adaptado se mostrou eficiente para avaliar ansiedade em surdos usuários de Libras.

A autora relata que para a aplicação com surdos foi necessária a explicação de alguns sentimentos da escala e uso de sinônimos para compreensão do significado, para que estes pudessem preenchê-la.

Forma Reduzida (FR) do WISC-IV

Meyer e Figueiredo (2017) adaptaram uma Forma Reduzida (FR) do WISC-IV para surdos. Para manter o modelo quadrifatorial do teste, os autores selecionaram oito subtestes: vocabulário, semelhanças, cubos, raciocínio matricial, código, procurar símbolos, dígitos e sequência de números e letras.

Para a adaptação, além da tradução, foi necessário a adaptação do teste para a vivência e cultura surda. Alguns itens precisaram ser excluídos por serem inadequados ou sem sinal, outros foram incluídos (sendo assim, itens novos), alguns foram modificados, certos itens foram apenas traduzidos para Libras e outros não tiveram modificações. Além disso, foram feitas adaptações no Livro de Estímulos, de acordo com estas alterações. Os autores explicam a necessidade de respeitar a estrutura da Libras nesse processo, pois:

^{xi} O presente artigo focou apenas em analisar a adaptação para surdos, uma vez que este é o tema central aqui tratado.

Apenas a tradução dos itens para Libras não garante uma adequação satisfatória dos instrumentos, uma vez que podem ser identificados itens carregados de fatores culturais. Por exemplo, questionar a semelhança entre “telefone e rádio”, é inadequado, considerando que são aparelhos não utilizados pelos surdos (MEYER; FIGUEIREDO, 2017, p. 312).

O teste foi aplicado em oito alunos, a maioria do sexo masculino, entre 11 e 16 anos e entre o quarto e oitavo ano do ensino fundamental. Os estudantes tinham grau de surdez entre moderado e profundo e eram usuários de Libras. Os sujeitos responderam de forma dialogada.

O teste foi aplicado junto com teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Geral, para verificar a habilidade cognitiva do grupo. O resultado foi a verificação do percentil abaixo da média na maioria dos participantes, fator esse que os autores levantam a hipótese de ser por conta de a escola ser da rede pública e atender famílias mais carentes.

No que tange os resultados sobre a adaptação do WISC-IV, verificou-se que a maior dificuldade foi em responder sobre os itens de Semelhança, ao que os autores relacionam com os resultados obtidos no teste Matrizes Progressivas de Raven, uma vez que crianças com déficit cognitivo tem o raciocínio mais concreto.

Os autores também consideram que a tradução dos itens dos subtestes verbais foi satisfatória, pois todos os itens foram compreendidos. Também afirmam que nos demais subtestes não houve dificuldades de compreensão das instruções.

Assim, os resultados do estudo de Meyer e Figueiredo (2017) reforçam a necessidade de se ter conhecimento e cuidado com a forma de adaptar os testes para a comunidade surda, até mesmo por conta da possível falta de familiaridade do surdo com todos os conteúdos presentes em um teste projetado para ouvintes (MALLER, 1997 apud MEYER; FIGUEIREDO, 2017).

Resultados e discussões

No que se refere ao grupo de Aplicação, ao analisar os resultados encontrados pelos três estudos de testes de personalidade (Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (I), Z-Teste – Técnica de Zulliger (II) e House-Tree-Person – HTP (III)), podemos observar a dificuldade em se avaliar uma pessoa surda com testes sem padronização e estudos de validade para com esta população. Nos artigos I, II e III foi possível verificar

que a população surda geralmente apresenta características fora da média padrão dos instrumentos, o que prejudica sua avaliação de forma concisa e fidedigna.

Assim como nos artigos anteriormente mencionados, no grupo de Adaptação também pode-se observar que a ansiedade foi novamente um fator presente. Porém é possível perceber que no teste de Escala de *Coping de Billings e Moos - ECBM (VI)*, ela foi decorrente do contato com uma língua que não era de total domínio dos participantes. Tal observação pode servir para levantar o questionamento sobre os resultados encontrados sobre ansiedade durante a avaliação psicológica em que foram utilizados o teste I e VI, onde não se sabe como ocorreu a influência da língua portuguesa no momento da aplicação, assim como se teve influência nos resultados considerando a cultura surda.

Vale ressaltar que a população surda está em constante contato com a língua portuguesa, podendo ser considerados como “atrasados” no quesito da linguagem, e de acordo com Lacerda (2006), em crianças surdas, este atraso pode trazer consequências emocionais, sociais e cognitivas. Assim, se este é um fator de ansiedade, é necessário que seja investigado como esta ansiedade se apresenta em cada sujeito.

Já quando comparando o artigo VIII sobre a Adaptação da Escala de Ansiedade de Beck com os artigos VI e II, que também abordaram sobre ansiedade, este traz outra visão sobre ansiedade em surdos. Visto que os resultados da testagem com surdos em instrumento não adaptado para Libras frequentemente apresentaram níveis de ansiedade acima da média, levando a interpretações que poderiam ter implicações negativas para a pessoa surda avaliada. No que se utilizou do teste da Ansiedade de Beck (VII), cuja escala passou por adaptação para Libras, houve resultados semelhantes entre surdos e ouvintes.

Considerando tais resultados, é possível relacionar as pesquisa VII, VIII e VI, na qual os autores relatam sobre os participantes terem ficado mais “calmos” quando respondiam a escala para Libras e reforçam o questionamento levantado anteriormente sobre a influência da língua portuguesa durante a aplicação dos testes, sendo importante ressaltar que apesar da população surda estar em constante contato com esta língua, nem sempre é completamente compreendida pelos surdos, assim como o contrário.

Em estudo teórico realizado por Santos e Silva (2019) foi feito um levantamento de pesquisas que tratavam de ansiedade em surdos. Os autores relatam que as

pesquisas são escassas, porém exemplificam pesquisas nas quais foi identificado a comunicação como fator de ansiedade para pessoas surdas e como este aspecto influencia na saúde mental dos surdos e de suas questões sociais e comportamentais. Segundo Azab *et al.* (2015 apud SANTOS; SILVA, 2019, p. 147), "a exclusão de experiências comunicacionais leva solidão e isolamento às pessoas surdas, o que nutriria a sensação de ser diferente dos demais e as levaria a evitar o contato social". "Tais adversidades ansiogênicas não são obstáculos de responsabilidade da pessoa surda, pois apesar de poderem utilizar diferentes meios para se comunicar, a exemplo da leitura labial e da escrita" (EIZAGUIRRE *et al.*, 2014 apud SANTOS; SILVA, 2019, p. 147), e "a língua de sinais possui um papel vital para ela" (FELLINGER *et al.*, 2005 apud SANTOS; SILVA, 2019, p. 147).

Assim, confirmando que este é um fator de ansiedade, se torna possível compreender melhor os resultados de determinados artigos previamente citados. Com isto, é necessário que seja investigado de que maneira a ansiedade seria abordada para estudos de normatização e validação.

Nos estudos aqui apresentados, notou-se que em grande maioria, os autores reforçaram que as pesquisas na área são poucas, bem como as suas próprias não poderiam ser utilizadas como indício de validação. Tais afirmações podem ser entendidas como resultado da falta de estudos com surdos dentro da Avaliação Psicológica, tornando-se clara a falta de inclusão da população surda pela psicologia.

Ao avaliar a população com necessidades educacionais especiais com instrumentos padronizados, os resultados não podem ser considerados fidedignos, pois são de acordo com os padrões de normalidade e não levam em consideração as particularidades de cada deficiência como a diferença linguística do surdo e a escrita dos cegos. (SANCHEZ, 2013, p. 15).

Portanto, é necessário que os profissionais estejam atentos para que os resultados de testagens com surdos sejam analisados e abordados com cuidado, utilizando-se de outras técnicas de avaliação para que o sujeito surdo não seja estigmatizado por conta de testagens que não o incluem e apresentando resultados diferentes dos que seriam encontrados caso tivessem sido feitos estudos de validação anteriores com a população surda.

Considerações finais

Para o desenvolvimento do presente artigo, esperava-se encontrar resultados que fugissem da média estabelecida por instrumentos cujos estudos de validação que foram desenvolvidos apenas utilizando pessoas ouvintes. No decorrer das pesquisas, além de tornar-se perceptível a falta de materiais disponíveis sobre o assunto, foi possível confirmar tal hipótese.

Ainda se verificou uma situação importante e pouco comentada: a relação da surdez com a ansiedade durante a aplicação dos testes. A partir disso, foi possível verificar que a comunicação se apresenta como fator ansiogênico para a comunidade surda, que constantemente é invisibilizada pela sociedade majoritariamente ouvinte, o que implica em diversas complicações e barreiras para o surdo tanto em situações rotineiras, quanto no que se trata de acesso à saúde em geral.

Tal fator se mostrou presente na tentativa de pesquisa por profissionais da psicologia que atendem em Libras, onde além de alguns resultados mostrarem-se discutíveis, pôde-se perceber como é pequena a quantidade de psicólogos fluentes em Libras. Assim, considerando a falta de profissionais e a necessidade de auxílio de intérpretes, levanta-se o questionamento sobre de que forma seria possível a realização de um atendimento adequado, sigiloso e humanizado para com surdos.

A falta de contato com a cultura surda entre profissionais é evidente desde a graduação, nas quais universidades não oferecem ampla gama de debates sobre inclusão do surdo de forma a considerar este como sujeito completo, válido e com sua cultura e língua próprias, tendo-se ainda muito foco em tecnologias assistivas, reforçando o olhar clínico sobre esta população.

Ao pensar sobre a inclusão dentro da psicologia, é preciso reforçar que a mesma, enquanto ciência, propõe-se a compreender o sujeito como um todo, considerando suas vivências, experiências, sentimentos e características que o tornam um ser único. Assim, questiona-se de que forma a psicologia estaria cumprindo seu propósito para com a população surda quando se nota que ainda existem poucos estudos na área sobre o assunto, além de poucos profissionais com conhecimento sobre sua língua e sua cultura.

Tal falta de capacitação profissional para atendimento com surdos mostra-se presente não apenas na prática clínica, mas também no que tange a Avaliação Psicológica. Além de técnicas como a Escuta Especializada, que pode ser

prejudicada pela falta de conhecimento linguístico do profissional, e a utilização de testes, cujos quais não tiveram em seus estudos de validação a inclusão de pessoas surdas, desconsiderando também fatores culturais e assim tornando os resultados questionáveis quando feitos com esta comunidade.

É importante destacar que não foram encontrados estudos com todos os testes. A quantidade de participantes na maioria dos estudos encontrados serve apenas de amostra, e não de validação para utilização de testes.

Foi verificado a possibilidade de aplicação de determinados testes, assim como em outros casos, foi visto a necessidade de não aplicação de certos instrumentos por conta justamente da falta de adaptação.

Considerando isto, torna-se importante reforçar a necessidade de mais estudos com a população surda, tanto para a validação de instrumentos, quanto para verificar se os resultados da aplicação em surdos realmente possuem tantas discrepâncias em relação aos ouvintes. Também se mostra necessário que o ensino de Libras se torne mais acessível aos profissionais da saúde e à população em geral, visando maior inclusão da comunidade e cultura surda. Aumentando assim, seu acesso a serviços essenciais e básicos, tornando possível maiores estudos que os envolvem, considerando suas características próprias e não os enxergando através de um olhar que reforça estereótipos e estigmas.

Referências

- ANGELINI, S. N.; OLIVEIRA, R. V. Aplicação do teste verbal Zulliger (forma individual) em pessoas surdas. *PSIC: Revista de Psicologia da Vetor Editora*, [S. l.], v. 4, n.1, p. 82-93, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v4n1/v4n1a09.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021.
- BARBOSA, A. C. C. *Busca por evidências de validade do teste de inteligência não-verbal (Toni-3) para escolares surdos*. Orientador: Elizeu Coutinho de Macedo. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/22596>. Acesso em: 16 maio 2021.
- BIBLIOTECA PROFESSOR PAULO DE CARVALHO MATTOS (Unesp). *Tipos de revisão de literatura*. Botucatu, SP: Unesp, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.
- BISOL, C. A.; SIMIONI, J.; SPERB, T. Contribuições da psicologia brasileira para o estudo da surdez. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 392-400, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/LLp49WF6mHZSJbF4xcgpht/?lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2021.
- BRAGA, A. A. N. M.; DALTRO, M. R.; DANON, C. A. F. A escuta clínica: um instrumento de intervenção do psicólogo em diferentes contextos. *RPDS: Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 87-100, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v1i1.44>. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/44>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 jan. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Teste do pezinho. *Biblioteca Virtual em Saúde*, [Brasília, DF], jun. 2009. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/teste-do-pezinho/>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- CARDOSO, L. M.; CAPITÃO, C. G. Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Psico-USF*, Itatiba, SP, v. 12, n. 2, p. 135-144, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/4bL73cJBWK9NcXMWCCZ49hC/?lang=pt>. Acesso em: 16 maio 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Cartilha avaliação psicológica*. 3. ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/cartilha-avaliacao-psicologica-2022/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). Quantos somos. *Conselho Federal de Psicologia*, Brasília, DF, 7 jun. 2021. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 7 jun. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ (8. Região). Consulte psicólogas(os) que atendem em Libras. *Conselho Regional de Psicologia do Paraná*, Curitiba, 26 set. 2020. Disponível em: <https://crppr.org.br/lista-de-psicologasos-que-atendem-em-libras/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CÚNICO, S. D.; OLIVEIRA, C. T. de; KRUEL, C. S.; TOCHETTO, T. M. Percepções e sentimentos maternos frente à triagem auditiva neonatal do filho. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 84-95, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 jul. 2021.

DOCTORALIA. Atendimento em libras para surdos. *Doctoralia*, Curitiba, [202-]. Disponível em: <https://www.doctoralia.com.br/servicos-de-tratamento/atendimento-em-Libras-para-surdos>. Acesso em: 12 mar. 2023.

GLEITMAN, H.; REISBERG, D.; GROSS, J. *Psicologia*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HUTZ, C. S. O que é avaliação psicológica: métodos, técnicas e testes. In: HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M. (org.). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed, 2015. cap. 1.

HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M. (org.). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed, 2015.

IBGE. Censo brasileiro de 2010. *IBGE*, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>. Acesso em: 3 abr. 2021.

IBGE. Projeção da população do Brasil e das unidades da Federação. *Projeção da população*, IBGE, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 15 maio 2021.

LACERDA, C. B. F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cadernos CEDES*, Campinas, SP, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2023.

LAROS, J. A.; JESUS, G. R. de; KARINO, C. A. Validação brasileira do teste não-verbal de inteligência son-r 2½-7[a]. *Avaliação Psicológica*, Ribeirão Preto, SP, v. 12, n. 2, p. 233-242, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335027505014>. Acesso em: 16 maio 2021.

LOPES, L. B.; THOMA, A. da S. Estudos surdos em educação no Brasil: a produção do campo no período de 1996-2006. *Revista Forum*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 21-36, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197907>. Acesso em: 20 maio 2021.

MANIEZZO, R. *Psicóloga Surda/Libras*. Facebook: @Rebecamaniezzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/rebecamaniezzopsicologasurda>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MEYER, T. de S.; FIGUEIREDO, V. L. M. de. Proposta de uma forma reduzida do WISC-IV para avaliação intelectual de surdos. *Avaliação Psicológica*, Ribeirão Preto, SP, v. 16, n. 3, p. 310-317, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.12534>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v16n3/08.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MIGUEL, F. K.; ZUANAZZI, A. C.; LIMA, R. de; EURICH, J. C.; TAVARES, C. A. Estudo da aplicação coletiva de um teste de percepção emocional em surdos. *Avaliação Psicológica*, Itatiba, SP, v. 15 n. 2, p. 197-205, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

MONTEIRO, J. K.; ANDRADE, C. G. Avaliação do raciocínio abstrato, numérico e espacial em adolescentes surdos. *Aletheia*, Canoas, RS, n. 21, p. 93-99, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n21/n21a09.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

NUNES, C. H. S. S.; HUTZ, C.; NUNES, M. F. O. *BFP: manual: bateria fatorial de personalidade*. Belo Horizonte: Livraria do Psicólogo e Educador, 2010.

PSICOLOGIA VIVA. Conheça alguns dos profissionais credenciados. *Psicologia Viva*, [S. l.], [202-]. Disponível em: <https://www.psicologiviva.com.br/psicologo/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

PSISURDOS: Psicologia da surdez. Psicólogos que atendem surdos. *Blog Psisurdos: Psicologia da Surdez*, [S. l.], [202-]. Disponível em: <http://psisurdos.blogspot.com/p/psicologos-que-atendem-surdos.html>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SANCHES PERES, R. O desenho como recurso auxiliar na investigação psicológica de crianças portadoras de surdez. *PSIC: Revista de Psicologia da Vetor Editora*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 22-29, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v4n1/v4n1a04.pdf>. Acesso em: 16 maio 2021.

SANCHEZ, C. N. M. *Adaptação da escala de ansiedade de beck para avaliação de surdos e cegos*. Orientador: Amauri Gouveia Júnior. 2013. 102 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/10474/1/Tese_AdaptacaoEscalaAnsiedade.pdf. Acesso em: 14 maio 2021.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Culturas e identidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 565-582,

2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hxDxvJQjCZy8MCdBGLgGNnK/?lang=pt>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SANTOS, F.; SILVA, J. P. da. Ansiedade entre as pessoas surdas: um estudo teórico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 143-157, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i1p.143-157>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100011. Acesso em: 6 jun. 2021.

SILVA, L. O.; FREIRE, H. B. G.; VERA NORIEGA, J. Á. Adaptação da escala de coping de billings e moos (ECBM) para surdos: um estudo piloto. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 478-501, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.unam.mx/index.php/rep/article/view/65285/57211>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SOUZA, M. T. de; PORROZZI, R. Ensino de libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. *Revista Praxis*, Volta Redonda, RJ, ano 1, n. 2, p. 43-46, 2009. DOI: <https://doi.org/10.47385/praxis.v1.n2.1119>. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/1119>. Acesso em: 15 jun. 2021.

THOMA, A. da S.; KLEIN, M. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. *Cadernos de Educação*, Pelotas, RS, n. 36, p. 107-131, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1603>. Acesso em: 1 jun. 2021.

VITTUDE. Terapia online. *Vittude*, [S. l.], [202-]. Disponível em: <https://www.vittude.com/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

YONEMOTU, B. P. R.; VIEIRA, C. M. Diversidade e comunicação: percepções de surdos sobre atividade de educação em saúde realizada por estudantes de medicina. *RECIIS: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 401-414, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.1827>. Disponível em: <https://www.reciiis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1827>. Acesso em: 14 maio 2021.

ZUCOLOTTO, M. P. da R.; RUIZ, L. R.; PINHEIRO, N. F. Reflexões sobre linguagem, sociedade e surdez. *Revista Uniabeu*, Belford Roxo, RJ, v. 12, n. 30, p. 134-147, 2019. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/3369/pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.